

Teste das Fábulas: Comparando respostas comuns de crianças abrigadas e respostas populares da amostra padronizada

Adriana Jung Serafini
Marcia Toralles Ávila
Denise Ruschel Bandeira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

RESUMO

Em testes projetivos, as respostas populares demonstram a opinião que uma pessoa tem em comum ao grupo que pertence. Em diferentes contextos, essas podem variar. Então, este estudo objetivou descrever as respostas mais frequentes para crianças abrigadas comparando-as com as da amostra padronizada. Participaram do estudo 62 crianças, de 4 anos e 9 meses a 11 anos e 8 meses, residentes em abrigos de Porto Alegre e Canoas, RS. Os instrumentos utilizados foram: questionário sociodemográfico, Teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven e Teste das Fábulas. Pelo tamanho da amostra, optou-se por denominar as respostas que ocorreram a partir 25% como comuns, e não populares. Os resultados demonstraram que as crianças que residem em abrigos apresentam respostas comuns ao Teste das Fábulas diferentes das respostas populares desenvolvidas pelas crianças da amostra padronizada do instrumento. A análise destas respostas remeteram, na maioria das vezes, à conflitiva da própria situação de abandono vivenciada.

Palavras chaves: Teste das Fábulas; crianças abrigadas; respostas populares.

ABSTRACT

Fables test: comparing sheltered children common responses to popular responses from the normative sample

In projective tests, popular responses refers to the opinion that someone shares with his/her group. These answers may vary in different contexts as the case of sheltered children. Therefore, this study aims to describe the most frequent answers of the children in this situation, comparing these responses to the normative sample. Sixty two children participated in the study, from 4 years and 9 months old to 11 years and 8 months old, all living in shelters in Porto Alegre and Canoas, RS. The instruments were: Sociodemographic questionnaire, Raven Progressive Colored Matrices and Fables Test. Considering the sample, it was chosen to denominate as common and not as popular those responses that occur at least 25% in the sample. Data indicated differences in Fables Test's common and popular responses when sheltered children and normative sample were compared. These answers allude to the conflicts of the situation of abandonment lived in the case of sheltered children.

Key words: Fables Test; sheltered children; popular responses.

INTRODUÇÃO

As respostas populares, como referido por Nunes, Cunha e Oliveira (1990), caracterizam-se por serem medidas de concordância social. Isto quer dizer que tais respostas demonstram a opinião que uma pessoa tem em comum com o grupo ao qual pertence. Conforme Cunha (1993), uma resposta deve ocorrer em uma certa frequência para que seja considerada como popular. Em estudo realizado por Cunha e col. (1989), a frequência utilizada para determinar quais seriam as respostas populares ao Teste das Fábulas para crianças em idade pré-escolar e escolar foi de 25% e 20%,

respectivamente. Porém, a maioria dos autores varia em relação à razão que deve ser estabelecida para que uma resposta seja considerada popular. Em sua pesquisa com o Rorschach, Vaz (1997) utilizou a razão de 1/6. Neste estudo foi utilizado o critério de Peixotto (1957) para todas as faixas etárias, que estabelece como populares para o Teste das Fábulas as respostas que ocorrem em um percentual igual ou superior a 25%. Tal critério foi adotado em função do número de crianças desta amostra ser menor que o a amostra padronizada do instrumento. Pela mesma razão, preferiu-se o termo "respostas comuns".

Para a realização deste estudo partiu-se da hipótese de que crianças abrigadas apresentariam respostas comuns diferentes das populares, pois sabe-se que, em diferentes contextos, estas respostas podem variar. Tal hipótese foi desenvolvida tendo em vista estudos e pesquisas nas linhas psicanalítica e psicodinâmica, em que grande parte dos autores (Spitz, 1965/1979; Winnicot, 1984/1987; Bowlby, 1976/1988) e pesquisadores (Guirado, 1986; Cariola, 1988; Alves, 1999) entendem o abandono e a institucionalização infantil como uma experiência traumática e, na maioria dos casos, de efeitos irreversíveis para o desenvolvimento emocional dessas crianças. Entre os efeitos que a privação materna tem sobre o desenvolvimento infantil, os autores descrevem transtornos psiquiátricos, carência afetiva, dependência e indisciplinabilidade (Spitz, 1965/1979; Bowlby, 1979/1982; Mussen, Conger, Kagan e Huston, 1988). Rutter (2000) e Minty (1999) referem que as crianças que se encontram em lares substitutos possuem um maior índice de problemas psicossociais, comportamentais e educacionais do que a maioria da população em geral, até por serem provenientes de ambientes de alto risco.

Dessa forma, considerando as conseqüências que o abandono infantil pode trazer para o desenvolvimento psicológico e afetivo da criança, o presente estudo teve como objetivo verificar as respostas comuns ao Teste das Fábulas em uma população específica, como é o caso das crianças em situação de abrigo, e compará-las às respostas da amostra padronizada. Este estudo justifica-se pelo fato dessas crianças apresentarem um desenvolvimento diferenciado e por tal razão é possível que apresentem respostas também diferenciadas.

MÉTODO

Participantes

Os critérios de inclusão dos participantes do presente estudo foram idade (entre 4 anos e 9 meses e 11 anos e 8 meses¹), tempo de abrigo (mínimo 6 meses), ausência de deficiência mental e de diagnóstico de doença mental ou neurológica. Participaram desta pesquisa 62 crianças, de ambos os sexos, 41 meninos (66,1%) e 21 meninas (33,9%), com média de idade de 8,5 anos para as meninas ($dp = 2,1$ anos) e 8,7 anos para os meninos ($dp = 2,0$ anos). Todos os participantes eram residentes de quatro abrigos das cidades de Porto Alegre e Canoas-RS, selecionados pelo

fato comum de abrigarem crianças ainda passíveis de serem adotadas ou voltarem às famílias de origem.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos

Com o objetivo de coletar dados sociodemográficos das crianças e caracterizar a amostra foi utilizado um questionário com questões abertas e fechadas. Tal instrumento buscava informações relacionadas aos dados de identificação da criança (sexo, idade, data de nascimento, etc.), dados dos pais das crianças, causas do abrigo, tempo de abrigo, situação familiar e situação atual da criança.

Teste de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven

A fim de preencher o critério de inclusão de ausência de deficiência mental, foi utilizado o Teste de Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, em sua forma Tabuleiro, como é proposto por Angelini, Custódio, Duarte e Duarte (1999), para avaliar a inteligência dos participantes.

Teste das Fábulas

O Teste das Fábulas (Cunha e Nunes, 1993) foi aplicado em sua forma verbal e pictórica, em todas as crianças que fizeram parte da amostra, independente de faixa etária. Na Fábula 4 foi utilizada a versão da viagem, excluindo-se a da morte já que este conteúdo poderia mobilizar ainda mais os sujeitos.

Procedimentos

Após o consentimento informado das instituições, foram aplicados nas crianças que desejaram participar do estudo, de forma individual, os seguintes instrumentos (listados em ordem de aplicação): Teste das Matrizes Coloridas de Raven em forma de tabuleiro e o Teste das Fábulas. O questionário de dados sociodemográficos das crianças e o questionário de dados da instituição foram respondidos pelos profissionais da instituição que possuíam maiores informações sobre a criança (psicólogo, assistente social ou monitores). Buscou-se investigar as informações sociodemográficas das crianças após a aplicação dos testes, já que o acesso anterior a tais dados (dados da história de vida, causas do abrigo) poderia interferir durante a testagem (principalmente durante a realização do inquérito). O presente estudo seguiu todos os procedimentos éticos necessários descritos na resolução sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos (Resolução do CFP nº 016/2000).

Análise dos dados

Todos os protocolos do Teste das Fábulas foram categorizados de acordo com o sistema de cate-

¹ As idades foram estipuladas a partir da amostra padronizada do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (Angelini & cols., 1999).

gorização proposto por Cunha e Nunes (1993), por dois juizes cegos. Neste, são avaliadas algumas categorias específicas de cada fábula (por exemplo, ação, enredo, desfecho, objeto de medo) e outras presentes em praticamente todas elas (por exemplo, tipo de resposta, fantasias, estados emocionais e defesas). Os casos que não se enquadraram nesse sistema de levantamento eram anotados a fim de criar novas categorias, que abrangessem respostas específicas da população de crianças abrigadas. Em seguida, todas as respostas dos protocolos de levantamento foram discutidas, sendo adotado um critério de consenso para estabelecer quais delas eram mais corretas. Porém, em caso de discordância destes juizes, um terceiro participava da discussão para que se chegasse a um consenso sobre a resposta mais adequada.

As respostas populares para o Teste das Fábulas, no grupo estudado por Cunha e Nunes (1993), foram divididas e analisadas de acordo com sexo e faixa etária (pré-escolar e escolar). Neste estudo, considerou-se as crianças com idades a partir de 7 anos e 1 mês como escolares e as da faixa dos 4 anos e 9 meses aos 7 anos, como pré-escolares. Foi realizada análise de frequências para determinar quais seriam as respostas comuns para estes subgrupos (aquelas que ocorressem a partir de 25%).

RESULTADOS

As tabelas com os resultados serão apresentados a seguir, conforme idade e sexo, comparando-os com aqueles obtidos pelas autoras Cunha e Nunes (1993).

TABELA 1
Distribuição das Respostas Comuns e Populares em crianças *pré-escolares* do *sexo masculino*.

Fábula	Resposta crianças abrigadas	Resposta grupo padrão
1	Vai para outra árvore	Vai para outra árvore
2	Ficou triste porque os pais ou os convidados da festa não lhe deram atenção...	Não gostou da festa
3	Vai comer capim	Vai comer capim
4	Toda a família ("o pai, a mãe, o filho, a filha")	Parente fora da família nuclear ou pessoa amiga
5	Personagem de ficção	Bicho (especificado ou não)
6	Sumiço, seqüestro ou fuga	Diferente quanto ao estado psicológico ou físico
7	Vai dar para a mamãe	Vai dar para a mamãe
8	Porque o menino tirou notas baixas, não estudou, brigou com os colegas, a professora reclamou dele...	Não gostou que saíssem ou não havia deixado que saíssem
9	Para ela ir estudar, para não brigar com os irmãos, para ajudar nas tarefas de casa...	Desejos ligados à satisfação pessoal

Através da análise dos resultados dispostos na Tabela 1 observa-se que os meninos em idade pré-escolar da amostra desta pesquisa apresentaram seis respostas comuns diferentes das respostas populares da amostra do estudo de Cunha e Nunes (1993). As respostas comuns que se diferenciaram das populares foram dadas para as Fábulas 2, 4, 5, 6, 8 e 9.

TABELA 2
Distribuição das Respostas Comuns e Populares em crianças *pré-escolares* do *sexo feminino*.

Fábula	Resposta crianças abrigadas	Resposta grupo padrão
1	Vai para outra árvore	Vai para outra árvore
2	Ficou triste porque os pais ou os convidados da festa não lhe deram atenção, porque o bolo estava ruim, porque tinha pouca comida...	Não gostou da festa
3	Vai comer capim	Vai comer capim
4	Toda a família ("o pai, a mãe, o filho, a filha"), o pai e a mãe	Mãe
5	Bichos (especificados ou não)	Bicho (especificado ou não), escuro, solidão
6	-	-
7	Vai dar para a mamãe	Vai dar para a mamãe
8	Não gostou que saíssem ou não havia deixado que saíssem	Não gostou que saíssem ou não havia deixado que saíssem
9	Para ela ir estudar, para não brigar com os irmãos, para ajudar nas tarefas de casa...	Desejos ligados à satisfação pessoal

Os resultados demonstrados na Tabela 2 revelam que as meninas pré-escolares deste estudo apresentaram três respostas comuns que se diferenciaram das respostas populares da amostra padronizada do instrumento. As respostas diferenciadas ocorreram para as Fábulas 2, 4 e 9.

TABELA 3
Distribuição das Respostas Comuns e Populares em crianças *escolares* do *sexo masculino*.

Fábula	Resposta crianças abrigadas	Resposta grupo padrão
1	Vai para outra árvore, uma galho, um lugar protegido	Vai para outra árvore, uma galho, um lugar abrigado
2	Ficou triste porque os pais ou os convidados da festa não lhe deram atenção...	Não é festa de criança; para brincar; eles querem ficar com amigos ou só; para pensar no que dar de presente, etc.
3	Vai comer capim	Vai comer capim
4	O filho ou filha	Pessoa idosa
5	Personagem de ficção	Fantasma; personagem (ou) de filme de terror; bicho papão; lobisomem; etc.
6	Transformação física	Diferente na aparência
7	Vai dar para a mamãe	Vai dar para a mamãe
8	Demoraram, não avisaram, não convidaram, não o levaram	Demoraram; não avisaram; não convidaram; não a levarem
9	Desejo ligado à satisfação pessoal	Desejos ligados à satisfação pessoal

As respostas comuns para os meninos abrigados em idade escolar diferenciaram-se das respostas populares dadas pelas crianças amostra do estudo de Cunha e Nunes (1993) em três das nove Fábulas em que este item é avaliado, conforme pode ser visualizado na Tabela 3. As respostas diferenciadas foram constatadas nas Fábulas 2, 4 e 6.

TABELA 4
Distribuição das Respostas Comuns e Populares em crianças *escolares* do *sexo feminino*.

Fábula	Resposta crianças abrigadas	Resposta grupo padrão
1	Vai para outra árvore, um galho, um lugar protegido	Vai para outra árvore, um galho, um lugar abrigado
2	Ficou triste porque os pais ou os convidados da festa não lhe deram atenção...	Não é festa de criança; para brincar; eles querem ficar com amigos ou sós; para pensar no que dar de presente, etc.
3	Vai comer capim	Vai comer capim
4	O filho ou filha	Pessoa idosa
5	Personagem de ficção	Fantasma; personagem (ou) de filme de terror; bicho papão; lobisomen; etc.
6	Transformação física	Tromba pequena; cortada; machucada; encolhida; etc.
7	Vai dar para a mamãe	Vai dar para a mamãe
8	Demoraram, não avisaram, não convidaram, não o levaram	Demoraram; não avisaram; não convidaram; não a levarem
9	Desejo ligado à satisfação pessoal	Desejos ligados à satisfação pessoal

Observa-se, na Tabela 4, que as meninas em idade escolar deste estudo apresentaram três respostas comuns diferentes das respostas populares da amostra padronizada. Estas respostas diferenciadas foram dadas para as Fábulas 2, 4 e 6.

DISCUSSÃO

Nesta seção serão discutidas apenas aquelas respostas que diferiram entre o grupo de crianças abrigadas e o grupo padrão.

Entre as Fábulas que exploram a conflitiva edípica (F2 e F8), observou-se que as crianças da amostra deste estudo, em sua maioria, apresentaram respostas comuns diferentes daquelas consideradas populares para o grupo padrão. Na F2, meninos e meninas em idade escolar e meninos pré-escolares apresentaram respostas relacionadas à rejeição (por exemplo: “Eu acho que os pais não davam bola para ele, só para as outras pessoas da festa, e ele ficou magoado e sentou no quintal.” M, 11:7) e, no caso das meninas em idade pré-escolar, dividiram-se entre as seguintes categorias: motivos associados à rejeição [por exemplo: “Ela foi

chorar lá na rua (...) Porque ela queria que fosse aniversário dela.” F, 6:2], deslocada para temas orais [por exemplo: “Porque pegaram o bolo e comeram tudo (...) o papai, a mamãe, os filhos e os tios.”] e outros [por exemplo, respostas associadas a brigas ou conduta inadequada “Porque eles querem brincar na rua. Esse aqui, o menino. (...) ele não tem educação. A mãe xinga ele, bota ele de castigo.” F, 5:11].

Tais resultados contrastam com as respostas populares da amostra do instrumento nas quais as crianças pré-escolares referiram-se a motivos associados ou sugestivos de conflito edípico. Já as escolares apresentaram indicativos de indiferença ao conteúdo da Fábula. Tais resultados nos remetem ao estudo de Rey (1994), que investigou a hipótese do complexo de Édipo em crianças abandonadas, através do Teste das Fábulas. Os achados da autora demonstraram que mais da metade das crianças em situação de abandono da amostra não apresentaram indícios de estrutura triangular edípica em suas respostas, sendo que estas indicaram relações duais pré-edípicas. Ainda de acordo com Rey (1994), o aparecimento desses conteúdos pré-edípicos estavam relacionados ao fato de algumas fábulas apresentarem de forma direta às crianças a própria situação em que ela se encontrava: a situação de abandono e institucionalização (por exemplo, F2 e F8).

Na F8, somente as meninas em idade pré-escolar apresentaram como comuns respostas indicativas de conflito edípico, o que seria esperado para esta faixa etária quando observamos as respostas populares do grupo padrão, mas que contrasta com os resultados destas mesmas meninas para a F2. Já os meninos desta faixa etária apresentaram respostas comuns diferenciadas, não indicativas deste conflito, trazendo conteúdos relacionados à omissão de deveres.

As respostas dadas pelas meninas em idade pré-escolar vão contra os achados de Rey (1994) que demonstraram que a maioria das crianças abandonadas de sua amostra não apresentou indícios de triangulação edípica. No entanto, as respostas dadas pelas crianças desta pesquisa para a Fábula 2 (que também explora a mesma conflitiva) corroboraram os dados do estudo citado acima, de que as crianças abrigadas traziam muito mais questões relativas à situação de abandono real vivenciada.

A conclusão a que se chega é que, através de tais resultados e diferenças entre sexos e respostas para as F2 e F8, é que a Fábula 2 não parece ser tão diretiva para a conflitiva edípica como a Fábula 8. Esta última, por sua vez, possui um conteúdo muito mais explícito, pois, diferentemente da Fábula 2, quem se encontra sozinho não é a criança, e sim o progenitor do mesmo sexo, enquanto que ela sai para passear com o do sexo oposto. A Fábula 8, portanto, suscitaria de forma mais

direta, fantasias edípicas. Além disso, a Fábula 2 pode estar trazendo, de uma forma mais forte a questão da rejeição do que a Fábula 8, e por esta razão os conteúdos edípicos não foram predominantes.

A diferença entre sexos poderia ser explicada pelo fato dos meninos sentirem-se tão mobilizados por esse conteúdo que não tenham conseguido expressar fantasias edípicas, pois, como é postulado por Freud (1976), a ameaça de castração para os meninos é um fato possível de ocorrer. Já as meninas, por suas diferenças anatômicas, aceitam a castração como algo consumado, e desse modo poderiam trazer à tona fantasias com tal conteúdo (pois já seriam “castradas”). Sabe-se que as crianças da amostra são provenientes de ambientes onde o convívio com a violência se dá desde muito cedo e de forma muito próxima, inclusive dentro da própria família (Caliman, 1997). Desse modo, a retaliação por parte do pai seria uma ameaça mais real para esses meninos do que para crianças provenientes de outras realidades. Assim, é possível que estes meninos possuam fantasias edípicas, mas estas são tão ameaçadoras que não podem ser explicitadas. Outra explicação para essa diferença pode estar no fato de as meninas amadurecerem antes dos meninos (Peixotto, 1957). Esta questão foi observada por Peixotto que, ao avaliar as respostas de meninos e meninas para a Fábula 6 do Teste das Fábulas, percebeu que meninas com idade média de 8 anos deram respostas com indícios de conteúdos relacionados à castração, enquanto somente os meninos com idades a partir de 11 anos apresentaram respostas deste tipo. Assim, as meninas da amostra de crianças abrigadas também podem estar demonstrando uma diferença maturativa quando comparadas aos meninos, sendo que elas estariam vivenciando o Complexo de Édipo antes dos meninos, que ainda estariam por passar por esta etapa.

A Fábula 6 investiga as reações da criança diante de experiências fálicas, como o temor da castração (Cunha e Nunes, 1993). Na amostra de crianças abrigadas, as meninas em idade pré-escolar não apresentaram uma resposta comum, assim como aquelas da amostra padronizada. As respostas dos meninos desta faixa etária do presente estudo revelaram como natureza e identificação da mudança o fato do elefante ter sumido, sido seqüestrado ou fugido. Nesse tipo de resposta, em geral, a criança sentia que o elefante a tinha deixado por vontade própria, ou seja, ela era abandonada. As crianças escolares da amostra, meninos e meninas, apresentaram como resposta comum uma transformação física do elefante. Essa transformação vinculou-se, na maioria das vezes, ao fato de o elefante ter ficado doente. A criança entendia que poderia ficar sem seu animal, mas que isso não dependia

da vontade dele (do elefante). Ela encontrava-se, então, privada da companhia do elefante.

Peixotto (1957), em seu estudo, refere que poucas crianças atribuem a mudança à tromba, e que por tal razão esta parece ser uma fábula ambígua, que nem sempre simboliza o temor de castração. Cunha e Nunes (1993) relatam que na pesquisa desenvolvida por elas a resposta popular de crianças pré-escolares envolvia transformações físicas ou psicológicas do elefante. Para essas autoras, esta resposta poderia estar associada, de forma simbólica, às questões de castração, pois esse tipo de transformação representaria a ansiedade despertada pela sexualidade. De acordo com elas, respostas que focalizaram o elefante como um todo e, em especial, aquelas que indicam mudanças internas serviriam como organizadoras da identidade e poderiam estar relacionadas com a própria identidade fálica (e não tanto em termos de conotação sexual e edípica, como respostas que indicam a tromba danificada).

Já as crianças em idade escolar da amostra de Cunha e Nunes (1993) desenvolveram respostas em que ocorria uma modificação na aparência do elefante. Para as autoras, respostas com conteúdo de aparência física não são tão abrangentes quanto aquelas que indicam transformações físicas. As respostas dos escolares demonstrariam que o conflito foi superado e a auto-imagem foi aceita, quando estas respostas indicassem que isso é visto como algo positivo para a criança.

As respostas com conteúdos de transformação física elaboradas pelos participantes desta pesquisa não pareciam estar relacionadas ao medo de castração, pois a incidência deste tipo de fantasia foi bastante baixa. Estados emocionais de medo também foram pouco presentes e, como já foi citado anteriormente, tal resposta foi comum para crianças escolares e não para as pré-escolares. As respostas dadas pelas crianças desta pesquisa parecem vir ao encontro das idéias de Peixotto (1957), de que a Fábula 6 pode suscitar conteúdos ambíguos.

As Fábulas 4, 5 e 9, possuem o mesmo objetivo, o de favorecer a catarse de sentimentos ou fantasias que foram mobilizados por conteúdos das Fábulas anteriores, como a agressividade (Cunha e Nunes, 1993). Na F4, a maior parte dos meninos e meninas da amostra, de todas as faixas etárias, apresentaram respostas comuns diferentes das respostas populares da amostra padronizada. As respostas comuns para os participantes pré-escolares do sexo masculino indicavam que toda a família havia viajado. As meninas desta faixa etária dividiram-se em respostas que indicavam que os pais haviam partido e deixado o restante da família e aquelas em que toda a família embarcava no avião.

Meninos e meninas escolares da amostra apresentaram como resposta comum que o filho ou filha da família partia. Novamente, as respostas trazem à tona, de uma forma bastante direta, a conflitiva que vêm se mostrando predominante nesses casos: a ruptura da relação com as figuras parentais, seja através da partida destes (pais), da viagem do filho(a) sozinho (a), ou pelo medo desta ruptura, agregando toda a família nesta viagem. Observou-se, durante a análise dos dados, que respostas em que toda a família viajava ainda foram bastante frequentes para os meninos escolares com idades entre 7 e 9 anos, o que demonstra a transição entre as respostas típicas de crianças pré-escolares desta amostra até as respostas comuns dadas pelas crianças mais velhas.

Já a Fábula 5 parece manifestar nas crianças da amostra exatamente a questão da agressividade que as fábulas catárticas favorecem. Percebe-se que apenas os meninos de idade pré-escolar apresentaram respostas comuns que diferem das populares da amostra padronizada, atribuindo a causa de medo a personagens de ficção. Entretanto, o simbolismo desta resposta não parece diferir daquele em que animais são citados, isto porque todas essas respostas têm em comum o fato de buscarem ser a expressão simbólica de outros medos. De acordo com Cunha e Nunes (1993), o medo de bicho pode estar simbolizando diversos temores, e a variabilidade dos tipos de animais que são citados pelas crianças impede que se dê apenas uma explicação para essas respostas. O mesmo pode ser dito sobre o medo de personagens de ficção. Mussen, Conger e Kagan (1977) afirmam que medos de animais ou personagens de ficção podem estar representando o temor do castigo imposto pelos pais, o que pode ser muito significativo quando pensamos na realidade de crianças abrigadas, e nas causas mais comuns para este abrigamento (maus tratos, abuso).

Na Fábula 9, respostas populares para a amostra padronizada do instrumento para meninos e meninas de todas as faixas etárias apresentam conteúdos de desejos ligados à satisfação pessoal. Neste estudo apenas as respostas das crianças pré-escolares diferiram das da amostra padrão. Suas respostas estavam relacionadas a notícias com conteúdos de proibições, restrições e deveres. Cunha e Nunes (1993) relatam que apesar das respostas populares para as crianças de seu estudo corresponderem a desejos ligados à satisfação pessoal, respostas com conteúdos de proibições, restrições e deveres também foram comumente encontradas. Para Peixotto (1957), as respostas mais problemáticas seriam aquelas relacionadas a medos, porém, Cunha e Nunes (1993) afirmam que este conteúdo pode aparecer também em respostas de crianças nor-

mais, já que esta é uma fábula catártica, que favorece a expressão de fantasias e sentimentos que foram mobilizados por Fábulas anteriores. Por tal razão, as autoras fazem a ressalva de que todas as respostas devem ser analisadas de forma profunda, pois mesmo respostas aparentemente adaptadas (como aquelas relacionadas a desejos) podem estar manifestando algum tipo de problema.

Através da análise das respostas comuns, para a Fábula 9, dos participantes pré-escolares da pesquisa, percebe-se que essas crianças parecem manter um padrão, que foi observado em respostas anteriores, nas quais fantasias de agressão deslocada para o ambiente mostram-se presentes. Por esta ser uma fábula destinada à catarse, é esperado que as fantasias mais predominantes reapareçam. É importante também destacar que crianças menores (no caso as pré-escolares) possuam defesas menos eficazes (Bee, 1997) e deste modo as fantasias se tornam mais evidentes.

CONCLUSÃO

Percebe-se através do contato com os psicólogos que trabalham com crianças abrigadas, que pesquisas que privilegiem o estudo de instrumentos para a utilização com essa população é uma necessidade urgente. São praticamente inexistentes em nosso país os testes direcionados para a avaliação de crianças em situação de abandono e/ou institucionalização, e os instrumentos psicológicos em geral não parecem satisfazer as demandas desses profissionais. Por tal razão, foi conduzida esta pesquisa, investigando como as crianças abrigadas respondem ao Teste das Fábulas e partindo-se da idéia que suas respostas deveriam diferir daquelas produzidas por crianças que residem com ao menos uma de suas figuras parentais (população para qual o instrumento é adaptado).

Mesmo que a amostra seja pequena para determinar as respostas populares para a população de crianças abrigadas, pode-se perceber respostas comuns para esse grupo. Observa-se que as crianças abrigadas da amostra, de um modo geral, apresentaram respostas comuns diferentes das populares em seis das nove fábulas em que se avalia este item. Essas fábulas foram as de número 2, 4, 5, 6, 8 e 9. Os conteúdos destas respostas relacionaram-se à situações de privação, abandono, ou rejeição, o que parecia refletir a realidade destas crianças.

Todavia, uma das dificuldades deste estudo foi o de reunir uma amostra com um número semelhante tanto de meninos e meninas quanto de pré-escolares e escolares. O número de crianças do sexo masculino se mostrou superior às do sexo feminino, assim como a

amostra de crianças escolares foi maior que a de pré-escolares. Essa parece ser uma característica própria da maioria das instituições que abrigam crianças. Percebe-se que existe um número superior de meninos abrigados, assim como o de crianças em idade escolar.

Desse modo, com o objetivo de obter resultados mais significativos e de estabelecer as respostas populares para crianças residentes em instituições, sugere-se a aplicação do Teste das Fábulas em uma amostra maior de crianças abrigadas e que esta possa abranger, de forma semelhante, os sexos masculino e feminino, assim como as faixas etárias escolar e pré-escolar. De qualquer forma, os resultados encontrados indicam a necessidade de que os psicólogos que atuem com populações em situação de risco levem em consideração a diferença nas respostas ao Teste das Fábulas de crianças que vivenciam situações de abrigo. Desse modo, é possível que reconheçam o que é esperado para essas crianças, evitando interpretações precipitadas ou equivocadas, pois tratando-se de um instrumento que avalia questões relacionadas ao desenvolvimento emocional infantil, uma interpretação realizada com normas não adaptadas a esta população poderia significar, erroneamente, que a criança não corresponde ao esperado para sua faixa etária.

REFERÊNCIAS

- Alves, H. R. A. (1999). Por uma pedagogia de la sensibilidad: las rutas del abandono de los adolescentes abandonados de Brasil. *La Salle Revista de Educação, Ciência e Cultura*, 4, 2, 37-45.
- Angelini, L. A., Alves, I. C. B., Custódio, E. M., Duarte, W. F. & Duarte, J. L. M. (1999). *Manual de matrizes progressivas coloridas de Raven: escala especial*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Bee, H. (1997). *O ciclo vital*. (R. Garcez, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bowlby, J. (1982). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. (A. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1979).
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. (V. L. B. Souza I. Rizzini, Trad.) (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1976).
- Caliman, G. (1991). Crianças e adolescentes carentes e abandonados: respeito e valorização da vida. *Revista de Educação AEC*, 20, 53-61.
- Cariola, T. C. & cols. (1988). A análise da escala de Koppitz no desenho da figura humana de crianças institucionalizadas. *Pediatria Moderna*, 23, 233-238.
- Conselho Federal de Psicologia. (2000). Resolução nº 016/2000, de 20 de dezembro de 2000. Brasília, DF.
- Cunha, J. A., Oliveira, M. S. & Werlang, B. G., Nunes, M. L. T., Porto Alegre, A., Heineck, C. & Silveira, M. R. (1989). Respostas populares ao Teste das Fábulas. *Psico*, 18, 28-42.
- Cunha, J. A. & Nunes, M. L. T. (1993). *Teste das Fábulas: forma verbal e pictórica*. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia.
- Cunha, J. A. (1993). Rorschach, como tarefa percepto cognitiva. In J. A. Cunha e Orgs. *Psicodiagnóstico – R* (pp. 400-428). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1976). A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, (Vol. XIX): (pp. 217-224). Rio de Janeiro: Imago.
- Guirado, M. (1986). *Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono*. São Paulo: Summus.
- Minty, B. (1999). Annotation: Outcomes in long-term foster family care. *Journal of Child and Psychiatry*, 40, 991-999.
- Mussen, P. H., Conger, J. J. & Kagan, J. (1977). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. (M. S. M. Netto, Trad.) 4ª ed. São Paulo: Harbra.
- Mussen, P. H., Conger, J. J., Kagan, J. & Huston, A. C. (1988). *Desenvolvimento e personalidade da criança*. (A. B. Simões, Trad.) (2ª ed.). São Paulo: Harbra.
- Nunes, M. T. N., Cunha, J. A. & Oliveira, M. S. (1990). O valor clínico do escore de concordância social no Teste das Fábulas. *Psico*, 20, 77-84.
- Peixotto, H. E. (1957). Popular responses for the despart fables. *Journal of Clinical Psychology*, 13, 73-79.
- Rey, S. (1994). *Crianças em abandono: a hipótese do complexo de Édipo*. [Dissertação de Mestrado], Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- Rutter, M. (2000). Children in substitute care: some conceptual considerations and research implications. *Children and Youth Services Review*, 22, 685-703.
- Spitz, R. A. (1979). *O primeiro ano de vida*. (E. M. B. Rocha, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1965).
- Tardivo, L. S. P. C. (1992). *Teste de Apercepção Infantil com Figuras de Animais (CAT-A) e Teste das Fábulas de Düss: estudos normativos e aplicações no contexto das técnicas projetivas*. [Tese de Doutorado], Curso de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Vaz, C. E. (1997). *O Roschach: teoria e desempenho*, (3ª ed.). São Paulo: Manole.
- Winnicott, D. W. (1987). *Privação e delinqüência*. (A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1984).

Recebido em: 06/12/04. Aceito em: 10/11/05.

Autoras:

Adriana Jung Serafini – Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento/UFRGS.

Marcia Toralles Avila – Aluna do curso de Especialização em Psicologia Clínica – Ênfase em Avaliação Psicológica/UFRGS.

Denise Ruschel Bandeira – Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Endereço para correspondência:

ADRIANA JUNG SERAFINI
Instituto de Psicologia da UFRGS
Rua Ramiro Barcelos, 2600/120
CEP 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil
Fone: (51) 3316 5352
E-mail: adriserafini@yahoo.com.br